

AS ORAÇÕES INTERROGATIVAS INDIRETAS EM FÁBULAS DE FEDRO

Márcio Luiz Moitinha Ribeiro (ABRAFIL, UERJ)

marciomoitinha@hotmail.com

Paulo Fernando Moreira Pinheiro (SS-SP)

RESUMO

O presente minicurso tem três escopos: 1) definir as orações interrogativas indiretas e diretas das gramáticas latinas; 2) discutir essas construções sintáticas da língua latina, que aparecem com certa frequência em fábulas de Fedro, mormente, as interrogativas indiretas; 3) enfim, baseando-nos, nos exemplos selecionados, propomos traduzir *ad litteram* as fábulas e tecer comentários linguísticos e estilísticos pertinentes ao assunto supracitado. Cabe ressaltar que ao realizarmos a tradução de fábulas desse autor para o vernáculo nos deparamos em vários momentos com essa construção sintática e julgamos conveniente realizar o presente estudo, no sentido de divulgar, não só, o assunto muito presente em concursos de latim, como também, no sentido de focalizar a moral atemporal e didática de Fedro aos interessados e aos amantes dos estudos clássicos.

Palavras-chave: Oração interrogativa. Interrogação.
Interrogação indireta. Interrogação direta. Fábula. Fedro.

O presente minicurso tem três escopos: 1º.) definir as orações interrogativas indiretas e diretas das gramáticas latinas; 2º.) discutir essas construções sintáticas da língua latina, que aparecem com certa frequência em fábulas de Fedro, mormente, as interrogativas indiretas; 3º.) enfim, baseando-nos, nos exemplos selecionados, propomos traduzir *ad litteram* as fábulas e tecer comentários linguísticos e estilísticos pertinentes ao assunto supracitado.

In primo loco, destacamos as quatro características da interrogação indireta, em latim:

1) Inicia-se com letra minúscula e acaba sem ponto de interrogação ao passo que a interrogação direta aparece com letra maiúscula e se finaliza com o ponto de interrogação, como podemos atestar no seguinte exemplo:

“Quem és?” (interrogação direta). Agora, se eu disser: “Sei quem és.” Contém uma interrogação indireta que, em latim, se configura da seguinte forma: *Scio quis sis*;

2) A interrogação indireta também depende de um verbo que introduz a oração principal. Esta oração ocorre geralmente com verbos que significam “saber”, “dizer”, “pensar”, “rogar”, “perguntar”, “inquirir”, “interrogar”, “procurar ver (averiguar)”.

3) Outro ponto relevante diz respeito ao tempo verbal da oração interrogativa indireta, que fica sempre no subjuntivo; por sua vez, no vernáculo é traduzida para o modo indicativo;

4) A interrogação indireta, também, tem alguns elementos introdutórios que podem ser um pronome interrogativo, uma partícula ou um advérbio interrogativo, como veremos a seguir:

Vejamos outros exemplos:

Nescis **an vivam** = nem sabes **se vivo**.

Nescio **quid agam**= não sei **o que faço** (o que fazer).

Em Fedro, encontramos a seguinte passagem:

*Formica et musca contendebant acriter **quae** maior esset*

A formiga e a mosca contendiam⁶⁴ acremente⁶⁵ (para saber)⁶⁶ **quem era** maior.

(*Formica et Musca* – Fedro)

Analisemos e apreciemos outros fragmentos selecionados, abaixo:

*Quaero **cur uenias**.*

(Pergunto **por que vens**).

*Quaero **quid legas**.*

(Pergunto **o que lês**.)

***Rogo utrum libertatem an pecuniam malis**.*

(**Rogo acaso queres** liberdade ou pecúnia.)

⁶⁴ = Provocavam briga, discutiam.

⁶⁵ = Acerbamente, de maneira grosseira, portanto, trata-se de uma metáfora.

⁶⁶ Como podemos perceber, no exemplo selecionado, o verbo do qual depende a interrogação indireta pode estar oculto. Eis mais um exemplo do que acabamos de afirmar: *Possintne beati esse tyranni* = podem os tiranos ser felizes. Há um verbo oculto da oração principal que pode ser o *inquiritur* ou *rogatur*= inquire-se, indaga-se, pergunta-se, roga-se, ou podemos intuir o *scire volumus* = queremos saber. Chegamos a esta conclusão, visto que o verbo *possint* está no subjuntivo sem a presença de um ponto de interrogação, destarte, se configura uma interrogação indireta.

Rogauī quid fecisset puer.
(Roguei o que o jovem **tinha feito**.)

Observações: Os principais elementos introdutórios da interrogação indireta são os citados a seguir: *quis* (quem) *quid* (o quê, que coisa) *cur* (por que ...) *quo* (para onde), *an*⁶⁷ (se), *qualis* (qual), *quantus* (quanto, quão grande), *quot* (quantos), *ecquis* (*há alguém que, acaso alguém, -ne* (se), *num*⁶⁸ (acaso, por ventura, se), *uter* (qual dos dois), *utrum ... an*⁶⁹ (acaso/se ... ou), *ne ... an*⁷⁰ (se ... ou), *nonne*⁷¹ (por acaso não, por ventura não).

Apreciemos, agora, apenas passagens selecionadas da interrogação indireta, em fábulas de Fedro, com as suas respectivas traduções:

1) (...) **Interrogata ab alia cur hoc diceret,**
de principatu cum illi certarent gregis
Longeque ab ipsis degerent uitam boues.
(*Ranae metuentes taurorum proelia*)

(...) **Interrogada** por outra **por que dizia** isto,
quando aqueles competiam sobre a chefia do rebanho,
e os bois passavam a vida longe delas próprias.
(As rãs temendo as brigas dos touros)

2) *Vipera venit in officinam fabri. Haec, cum temptaret*
si esset qua res cibi, momordit limam.
(*Vipera et Lima*)

⁶⁷ *An* é uma partícula interrogativa, usada nas interrogativas indiretas, depois de vocábulos que designam dúvida ou ignorância.

⁶⁸ Neste caso, emprega-se esta partícula com sentido negativo meramente enfático, ela é atestada em interrogações, que dão maior força à negação. Ex.: *Num facti pige?* (Por ventura está arrependido do fato, isto é do que fez?)

⁶⁹ Destacamos nas indiretas duplas a seguinte passagem: *Philosophi disputabant utrum plures essent dii an unus.* (Os filósofos disputavam se havia muitos deuses ou um só). Em *Ars Latina*, da Editora Vozes (Edição reformulada e atualizada pelos eminentes docentes da UERJ, prof. Dr. Amós Coêlho da Silva e prof. Dr. Airto Celoin Montagner), vale lembrar que essas indiretas duplas são configuradas pelos autores da obra supracitada, como interrogações oracionais disjuntivas subordinadas. (Cf. p. 147 da edição de 2012).

⁷⁰ Expressão *ne ... an* usada frequentemente na interrogação dupla como: *Quaero verumne an falsum sit.* (Pergunto se é verdade ou mendácia) ou *Ramamne venio, an hic maneo.* (Vou a Roma ou permaneço aqui.)

⁷¹ Espera-se resposta afirmativa. *Mus nonne similis vesperugin?* (Por acaso o rato não é semelhante ao morcego?) ou *nonne uir mulieres cupit?* (Por acaso o varão não deseja as mulheres?)

A víbora veio à oficina do ferreiro. Esta, como **tentasse averiguar se havia algum⁷² alimento**, mordeu a lima.

(A Víbora e a Lima)

3) *Inops, potentem dum vult imitari, perit.*

In prato quondam rana conspexit bovem

et tacta invidia tantae magnitudinis

rugosam inflavit pellem: tum natos suos

*interrogavit **an boue esset latior.***

Illi negarunt. Rursus intendit cutem

maiore nisu, et simili quaesivit modo,

quis maior esset.

(*Rana rupta et Bos*)

O fraco, enquanto quer imitar o potente, perece.

No prado, um certo dia, a rã avistou o boi

e tocada pela inveja de tanta magnitude

inflou a pele rugosa: então aos seus nascidos,

interrogou **se estava mais lata do que o boi.**

Aqueles negaram. Novamente estendeu a pele

com maior esforço e questionou de modo semelhante,

quem era maior.

(A rã arrebetada e o Boi)

4) *Quum vix intrare posset ad praesepia,*

*monstrabat vitulus **quo se pacto flecteret.***

(*Taurus et Vitulus*)

Quando dificilmente pudesse entrar ao presépio,

o vitelo mostrava **de que modo⁷³ se fletisse.**

(O Touro e o Vitelo)

5) *Barbam capellae cum impetrassent ab Iove,*

*hirci maerentes indignari coeperunt, **quod dignitatem feminae aequalis-***

sent suam

(*Capellae et Hirci*)

Como as cabras tivessem impetrado a barba de Júpiter,

os hircos entristecendo-se começaram a indignar-se,

por que as fêmeas **equalizaram** a sua dignidade.

(As Cabras e os Hircos)

⁷² Tradução literal: "alguma coisa de alimento". (Encontra-se um gen. partitivo nesta passagem).

⁷³ *Quo pacto* (de que modo) Trata-se de uma expressão!

6) *O suavis anima! Quam rem te dicam bonam antehac fuisse, tales quum sint reliquias!*

Hoc qui pertineat, dicet qui me noverit.

(Anus ad amphoram)

Ó suave alma! Direi, quão boa coisa, que tu terias sido antes, tais sejam como relíquias!

A respeito de quem isto concerne, dirá **quem tiver-me conhecido**.

(A anciã à ânfora)

Podemos atestar que, em todas as fábulas de Fedro, há uma moral, isto é, configura-se um ensinamento, que o poeta quer repassar aos seus leitores, de modo que não podemos deixar de comentar, também, neste minicurso, os ensinamentos de cada fábula selecionada por nós, portanto, analisemo-las: a) em *Ranae metuentes taurorum proelia*, as parvas rãs não podem aproximar-se dos touros, caso contrário, são pisoteadas, encontrando desse modo a morte prematura.

No final da fábula nos deparamos com alguns touros, expulsos do rebanho, que vão até ao pântano, com furor e por vingança insana esmagam as cabeças das rãs indefesas. Moral da fábula: é preciso respeitar e fugir dos mais fortes para que os indefesos e fracos não sofram as consequências ímprobas dos furiosos e vingadores.

Na seguinte, *Vipera et Lima*, a fábula nos informa que a cobra com dente ímprobo tem desejo de morder e de comer algo, que também é capaz de morder, aqui, simbolizado pela própria lima. Assim, diz à estúpida víbora a lima: “– também possuo dente e sou capaz de corroer todo ferro”; a víbora esfaimada, como não encontrou algum alimento, morde a lima para não passar na oficina do ferreiro sem experimentar algo.

A fábula supracitada deve ter provocado reflexões a respeito de uma sociedade romana estúpida, hipócrita, desonesta e sobretudo mordaz, em oposição ao homem honesto, virtuoso e honrado de Roma, na época de Fedro.

Em *Rana rupta et Bos*, depara-se com a magnitude do boi uma rã invejosa, não satisfeita com a sua natureza, quis igualar-se ao boi, inflando-se cada vez mais, até morrer despedaçada, diante de seus filhos. Moral: nem sempre podemos ser iguais aos outros porque cada qual tem a sua natureza e precisamos respeitá-la.

Em *Taurus et Vitulus*, o jovem animal quis ensinar ao prisco touro a maneira certa de chegar ao presépio e foi veementemente criticado para

que não emendasse o mais doto, evitando assim ímprobos consequências no porvir.

Em “As Cabras e os Bodes” (*Capellae et Hirci*), Fedro trabalha com a questão dos hábitos e das virtudes, isto é, os hábitos até podem ser os mesmos, mas as virtudes devem ser ímpares, dignas de louvor. As cabras tomaram a barba de Júpiter, despertando muito inveja nos bodes, como pudemos atestar na tradução, selecionada, anteriormente.

Por fim, destacamos a derradeira fábula: “A Anciã à Ânfora” (*Anus ad amphoram*). Nesta, Fedro focaliza uma idosa que avistou uma ânfora ainda com borra de vinho ao fundo do vaso de barro, ao longe, sentia-se o odor. Bem perto da ânfora, a anciã aspirou esse suave odor do vinho às narinas e logo teceu encômios à ânfora, comparando-a a uma relíquia. A moral desta fábula nos ensina que até os vestígios de coisa boa nos deleitam.

Cabe ressaltar que ao realizarmos a tradução de algumas fábulas de Fedro para o vernáculo nos deparamos em vários momentos com essa frequente construção sintática: a interrogação indireta.

Enfim, julgamos conveniente realizar o presente estudo das interrogações indiretas em fábulas de Fedro, no sentido de divulgar, não só, o assunto muito presente em concursos de latim, como também, no sentido de focalizar a moral atemporal e didática do poeta aos interessados e aos amantes dos estudos clássicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática latina*. Edição atualizada. São Paulo: Saraiva, 2011.

BERGE, Damião. *Ars latina*. Curso prático da língua latina. Edição reformulada e atualizada por Amós Coêlho da Silva e por Airto Ceolin Montagner. Petrópolis: Vozes, 2012.

FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

FREITAS, Horário Rolim de. *A obra de Olmar Guterres da Silveira*. Sua Contribuição aos estudos das línguas portuguesa e latina. Rio de Janeiro. Metáfora, 1996.

GRIMAL, Pierre *et alii*. *Gramática latina*. Tradução e adaptação de Maria Evangelina Villa Nova Soeiro. São Paulo: T.A. Queiroz/Universidade de São Paulo, 1986.

KIMIKO, Mary. *Apostila de língua latina III*. Rio de Janeiro: Faculdade Eclesiástica de Filosofia João Paulo II. Seminário São José do Rio de Janeiro.

PASTORINO. *Latim para os alunos*. Série Complementar. Rio de Janeiro: Jozon, 1963.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Nova gramática aplicada da língua portuguesa*. A construção de sentidos de acordo com a nova ortografia. Rio de Janeiro: Metáfora, 2013.

TANNUS, Carlos *et alii*. *O latim e suas estruturas*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 1992.